

# Os riscos do alinhamento

por Jane Filipon  
de Porto Alegre

O presidente do grupo Gerdau, Jorge Gerdau Johannpeter, tem dúvidas quanto à eficácia do alinhamento brasileiro com países devedores latino-americanos para negociar com os credores internacionais. "Não sou contrário à utilização de uma pressão política, mas nivelar os diferentes devedores não é interessante." Ele justificou sua posição, em entrevista à imprensa, dizendo que cada país tem um tipo de dívida, uma performance em termos de Produto Nacional Bruto (PNB) e superávit comercial. "O Brasil, por exemplo, já conquistou um superávit em sua balança comercial que lhe garante maior credibilidade. Buscar soluções junto com outros países devedores que resultem em um desafogo a curtíssimo prazo é ilusão e traria grandes restrições às nossas exportações."

A negociação da dívida deveria ser particular a cada país, no entender de Johannpeter. Sua posição alinha-se, portanto, com uma corrente forte dentro do governo brasileiro que pretende, no encontro dos dias 14 e 15 de junho próximos (provavelmente em Bogotá), a formulação de proposições para sen-

tar com os governos credores, em uma etapa seguinte. Essa negociação política prevista para este mês, reunindo os governos da Argentina, do Brasil, do México e da Colômbia, além de outros países, tratará de detalhes técnicos singulares a cada dívida. "Para uma negociação política não existe modelo prévio. Além disso, o Brasil está interessado em que os mecanismos financeiros internacionais e internos continuem bem, pois poderá ser plenamente desenvolvido com o respaldo destes mecanismos."

Johannpeter julga prudente, na condução dos entendimentos com os credores internacionais, não dar ênfase exagerada a "soluções emocionais". Ele admite que há muito de político nos entendimentos. "Os juros altos que elevam nossa dívida são uma estratégia americana para resolver seus problemas de déficit." Um caminho que o industrial gaúcho acha válido de perseguir é o de um refinanciamento de uma parcela da dívida externa brasileira com juros fixos. "Erramos em fazer projetos de investimentos com taxas flutuantes. Mas sei que reconhecer isto hoje é mais fácil, pois, na época em que os financiamentos foram contratados, ninguém previa taxas de 20%."